

SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR / OICVM

Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Ações de Poupança Reforma



RELATÓRIO E CONTAS

RELATIVO AO PERÍODO FINDO EM 30 DE JUNHO DE

2026

ÍNDICE

1 Relatório de Gestão	3
1.1 Mercados Acionistas Globais (1º semestre 2026).....	4
1.2 Principais características do fundo.....	14
1.3 Evolução do fundo.....	15
2 Balanço e Demonstrações Financeiras.....	18
2.1 Balanço a 30 de junho de 2026	19
2.2 Demonstração de Resultados referente ao período findo em 30 de junho de 2026	21
2.3 Demonstração Fluxos de Caixa - referente ao período findo em 30 de junho de 2026 ...	22
3 Divulgações	23
3.1 Anexos às demonstrações financeiras	24
4 Certificação das Contas	36

1 Relatório de Gestão

1.1 Mercados Acionistas Globais (1º semestre 2026)

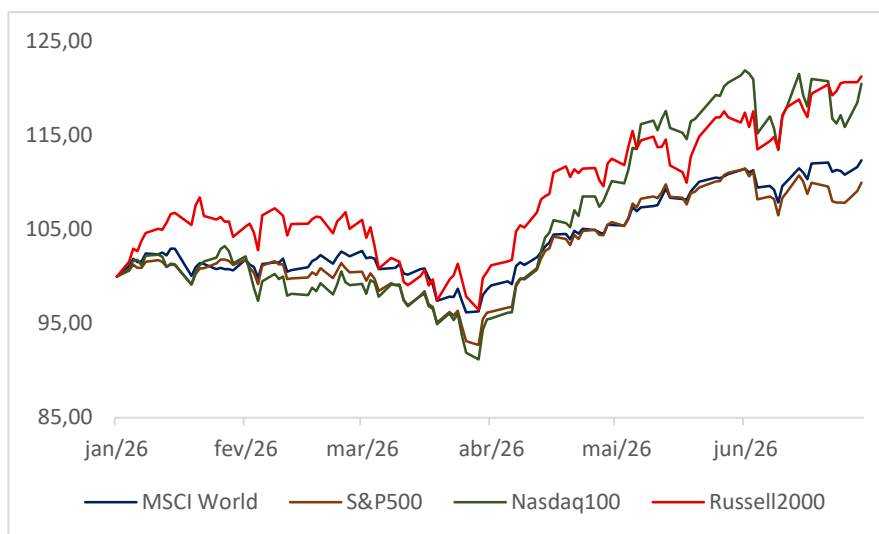
Rotação

O primeiro semestre de 2026 fechou com os grandes índices em terreno claramente positivo. O MSCI World rendeu 12,68% em euros, em retorno total, ao longo dos seis meses. Porém, a fotografia agregada esconde a verdadeira história do período, ou seja, uma rotação profunda no interior do mercado. Entrámos o ano com uma liderança estreita, em que os retornos dependiam excessivamente de meia dúzia de mega-capitalizações tecnológicas norte-americanas, atravessámos um segundo trimestre de ganhos excepcionais concentrados na inteligência artificial e terminámos junho com o dinheiro a mudar de mãos, a sair do espaço mais sobrelotado do mercado à procura de destino nas pequenas capitalizações, nas ações de valor, na banca, na saúde, na indústria e numa boa parte da Europa. A trajetória do semestre não foi, portanto, uma linha reta, mas uma subida que mudou de carácter a meio do caminho.

O contraste do mês de fecho ilustra bem o que se passou por baixo da superfície. Em junho, o MSCI World cedeu 0,7% em dólares, o S&P 500 perdeu 0,7% e o Nasdaq Composite recuou 2,7%, nada que fizesse manchetes. Bastava, porém, descer um nível para que a leitura se invertesse. No mesmo mês, o S&P 500 Equal Weight ganhou 2,4%, o Russell 2000 subiu 3,7% e as ações europeias destacaram-se. O S&P 500 ponderado pela capitalização atingiu o seu máximo a 2 de junho e passou o resto do mês a marcar passo, enquanto os índices de igual ponderação, de pequenas capitalizações e de valor avançavam para novos máximos. Isto não foi aversão ao risco, mas sim uma rotação com direção definida.

O trabalho pesado dos ganhos do semestre foi feito no decorrer do segundo trimestre, quando os nomes ligados à inteligência artificial lideraram fortes subidas nos Estados Unidos, em Taiwan e na Coreia do Sul, levando vários índices setoriais e regionais aos melhores desempenhos trimestrais de que há memória. Foi um trimestre de amplitude estreita, mas de intensidade rara, com junho a acrescentar amplitude à subida. A liderança alargou-se, a dispersão entre regiões, setores e títulos disparou e os índices, aparentemente sem grandes solavancos, passaram a esconder movimentos significativos no seu interior.

Tudo isto se desenrolou num semestre em que os investidores tiveram de digerir uma sucessão pouco habitual de choques. O confronto entre os Estados Unidos e o Irão e a inversão abrupta do petróleo, quando um acordo provisório fazia crer que o Estreito de Ormuz iria reabrir, uma inflação teimosa e uma Reserva Federal mais restritiva sob a batuta de um novo líder, uma subida de taxas do Banco Central Europeu, mais normalização monetária no Japão, o maior IPO de sempre e dúvidas renovadas sobre a durabilidade do ciclo de investimento em inteligência artificial. No conjunto, estes fatores produziram exatamente aquilo que define o semestre: retornos de índice modestos à superfície, mas uma reafecção violenta de risco por baixo.

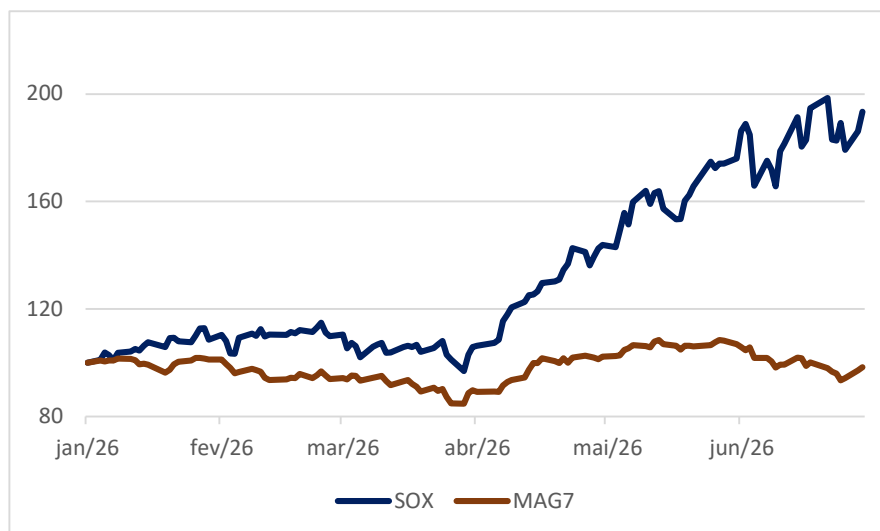


Fonte – Bloomberg

O trade de IA divide-se ao meio

O ciclo de investimento em inteligência artificial foi a história mais importante dos mercados ao longo de todo o semestre, mas a forma como recompensou os investidores mudou de forma visível entre o início e o fim do período. Entre abril e maio, o tema funcionou como um bloco único: quase tudo o que tocava a IA subia em uníssono, dos produtores de semicondutores aos fornecedores de equipamento e aos grandes operadores de infraestruturas. Em junho, o tema não morreu, mas dividiu-se em dois. De um lado, os produtores de semicondutores e os fornecedores de equipamento continuaram a beneficiar de uma procura excecional. Do outro, os grandes hyperscalers norte-americanos que financiam a construção das infraestruturas ficaram sob pressão, com os investidores a fazer perguntas mais duras sobre o retorno do capital investido, as amortizações, as limitações de energia e a escala da despesa financiada por dívida.

Os números do trimestre medem a dimensão do que esteve em jogo. O índice PHLX Semiconductor (SOX) subiu 11% em junho e fechou o segundo trimestre com um ganho de 88%, o melhor desempenho trimestral desde a criação do índice, em 1994. É um movimento que, pela sua magnitude, deixa o setor sem margem para deceções. As Magnificent Seven, por seu lado, tiveram no fecho do semestre o pior mês em mais de um ano, com o ETF que as replica a cair quase 13% em junho. A mecânica por detrás desta divergência é simples. O mercado passou a premiar a escassez e o poder de fixação de preços na cadeia de fornecimento e a exigir provas concretas a quem carrega o maior fardo de capital.



Fonte - Bloomberg

As fissuras na monetização tornaram-se cada vez mais difíceis de ignorar à medida que o semestre avançava. Vários fornecedores de software de inteligência artificial passaram de subscrições fixas para preços por utilização e encontraram resistência real por parte dos clientes. Grandes empregadores começaram a restringir o uso de modelos de linguagem pelos seus funcionários, com a contabilidade do retorno a substituir a fase de experimentação. Houve ainda sinais de aperto no financiamento do próprio ecossistema. Na última semana de junho nem os semicondutores escaparam. Registou-se uma queda global nas cotações das empresas produtoras de memórias, com a Micron, a SK Hynix e a Samsung a recuar mesmo depois de a Micron ter superado as estimativas de resultados, por receio de que a escalada dos custos de infraestrutura anuncie um aperto no respetivo financiamento. É o sinal mais claro de quão pouca margem há para más notícias no preço do setor.

No conjunto do semestre, a leitura que fica é a de um ciclo estrutural intacto, mas de uma distribuição de retornos que se tornou muito mais seletiva. Daqui para a frente, a variável a vigiar é a conversão da narrativa em fluxo de caixa. Enquanto a procura por capacidade de computação avançada se mantiver, os fornecedores de escassez continuarão a beneficiar, mas o mercado deixou de passar cheques em branco e a próxima época de resultados dirá quais dos grandes investidores em infraestrutura conseguem justificar o capital que estão a queimar.

Estados Unidos

O balanço semestral norte-americano foi forte em termos absolutos, com o S&P 500 a subir 13,30% em euros, em retorno total, mas a liderança do mercado alterou-se ao longo do período e a mudança acelerou no fecho. Em junho, o Russell 1000 Value valorizou 2,3%, o seu homólogo Growth caiu 2,7% e o Russell 2500 Value subiu 4,2%. Indústria, banca, consumo básico e saúde subiram com o arrefecimento da tecnologia, tendo o setor da saúde registado o melhor mês desde novembro. O Dow ficou perto do seu máximo histórico enquanto o Nasdaq acumulava sessões negativas. Foi um alargamento do movimento positivo, não uma rutura. Depois de um semestre em que os retornos dos índices dependeram excessivamente de meia dúzia de mega-capitalizações, os investidores mostraram-se perfeitamente dispostos a trocar por empresas

com avaliações mais moderadas, maior exposição doméstica e menor dependência de pressupostos de crescimento terminal.

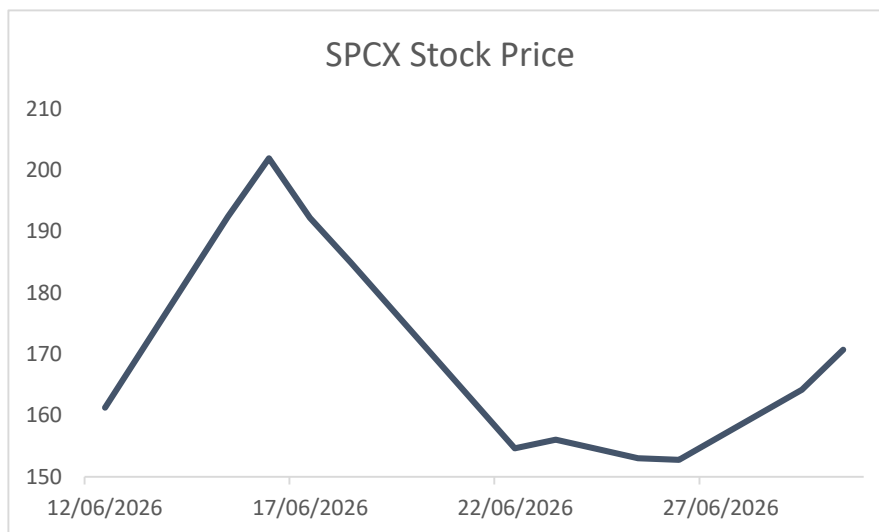
Os dados ajudaram a rotação, mas encurralaram a Reserva Federal. Ao longo do semestre, as condições laborais mantiveram-se firmes, a atividade empresarial continuou a expandir-se e o produto interno bruto do primeiro trimestre foi revisto em alta. A inflação, porém, andou no sentido errado. O índice de preços PCE de maio, divulgado no final de junho, acelerou para 4,1% em termos homólogos, um máximo de três anos, com a inflação core a subir 3,4% em termos homólogos. A Fed manteve, por unanimidade, o intervalo dos fed funds entre 3,50% e 3,75%, assinalando que a atividade estava sólida e a inflação acima do seu objetivo, o que levou o mercado a trocar discretamente os cortes há muito aguardados pela possibilidade de uma subida ainda este ano. É uma combinação desconfortável para ações de longa duração, pois apesar do crescimento nominal continuar a sustentar os lucros, as taxas de juro elevadas por mais tempo encolhem o prémio que alguém está disposto a pagar por fluxos de caixa distantes.

A acrescentar a tudo isto, o novo presidente da Fed liderou a sua primeira reunião no semestre e trouxe mudanças imediatas: um comunicado drasticamente encurtado, o viés de descida eliminado e cinco grupos de trabalho criados para rever a medição da inflação, o uso de dados, a comunicação, a gestão do balanço e a análise do mercado de trabalho. Ficou claro que, daqui em diante, a política monetária será menos previsível e mais dependente dos indicadores económicos, o que valoriza a geração de caixa atual, a solidez do balanço e o poder de fixação de preços e torna mais provável o surgimento de grandes rotações de fatores no seguimento da divulgação de dados de inflação e de emprego. Já se viu o efeito, com os dados laborais fortes e a inflação persistente a empurrar repetidamente as yields e o dólar para cima ao longo do período, apertando as empresas de crescimento mais exuberantes. Só no final de junho, com o colapso do petróleo, é que as yields norte-americanas a dez anos voltaram a recuar abaixo de 4,5%, dando algum alívio aos setores cíclicos e sensíveis ao consumo num mercado agitado pelo rebalanceamento de fim de trimestre.

O acontecimento empresarial que definiu o fecho do semestre foi o IPO da SpaceX, sendo importante tratá-lo tanto pelo que significou para os Estados Unidos, como pela oferta que agenda para o segundo semestre. Engrandecida pela fusão com a xAI e a plataforma X, a operação fixou o preço em 135 dólares por ação e angariou cerca de 75 mil milhões de dólares, o maior IPO de sempre, com uma avaliação implícita próxima de 1,77 biliões de dólares. As ações fecharam o primeiro dia a subir 19%, avaliando a empresa em torno de 2,1 biliões de dólares e colocando-a, logo na estreia, entre as seis maiores cotadas dos Estados Unidos. A operação levou a emissão de ações no país a um recorde semestral e mostrou que os acionistas privados consideram as avaliações públicas suficientemente generosas para começar a monetizar.

A estrutura da operação merece tanta atenção quanto a sua dimensão, porque é ela que projeta a oferta para o segundo semestre. A colocação foi integralmente primária e nenhum insider vendeu uma única ação na estreia, mas o calendário conta a sua própria história. O período de lock-up termina no final de agosto e prolonga-se pelo outono, em tranches faseadas, com a maior parte a chegar por volta dos resultados de novembro, altura em que o free float deverá passar dos atuais 4% para perto de 40%. Uma alocação invulgarmente grande ao retalho, de cerca de 30%, e uma procura passiva estimada entre 22 e 27 mil milhões de dólares, por via das regras de

entrada rápida no Nasdaq-100, sustentaram a estreia. Entretanto, o requisito de rentabilidade do S&P 500, que exige resultados positivos em ótica contabilística nos quatro trimestres mais recentes, mantém o título fora daquele índice até meados de 2027, pelo que nenhuma procura indexada estará à espera quando a oferta do outono chegar.



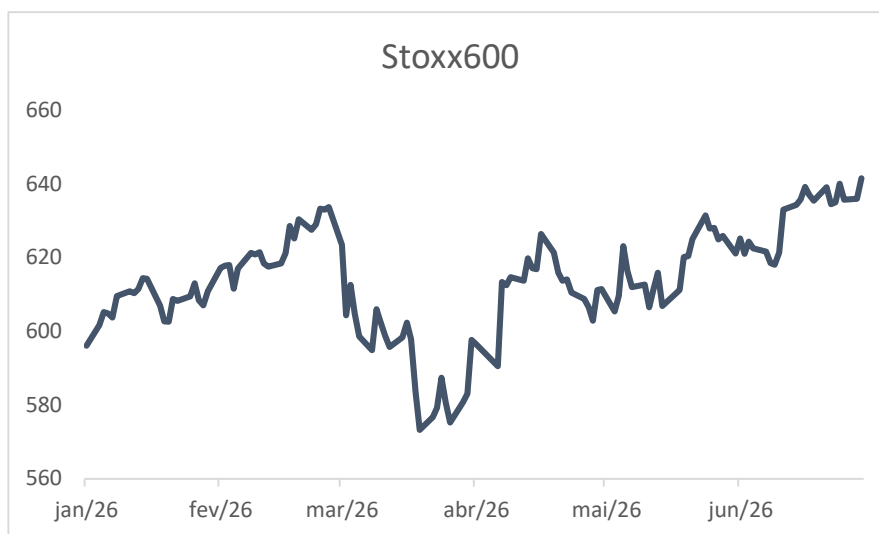
Fonte - Bloomberg

O preço também merece escrutínio e a nossa leitura é de cautela. Vista por dentro, a empresa tem três negócios em fases muito diferentes: a Starlink é o motor de caixa, com 11,4 mil milhões de dólares em receitas em 2025 e 4,4 mil milhões de resultado operacional, embora a receita mensal por utilizador tenha caído de 99 para 66 dólares à medida que o crescimento se desloca para mercados com menor poder de compra; o negócio de lançamentos, dominante como é, passou a uma pequena perda devido à despesa com o Starship; e a xAI perdeu 6,4 mil milhões de dólares em 2025, com um investimento de 12,7 mil milhões. A operação foi avaliada em cerca de 94 vezes as receitas de 2025, confortavelmente acima das estimativas independentes de valor justo, situadas entre 780 mil milhões e 1,3 biliões de dólares, apenas seis meses depois de os insiders terem aceitado, numa oferta privada de recompra, o equivalente a 84 dólares por ação ajustados ao desdobramento. Os detentores de ações da Classe A quase não têm direito de voto e o fundador detém cerca de 82,4% do capital. A história não é tímida neste capítulo: os grandes IPOs tecnológicos das últimas duas décadas negociaram, em média, 9% abaixo do preço de estreia nos seis e doze meses seguintes, com quedas medianas de cerca de 54% no primeiro ano. Acreditamos que a oferta dos lock-ups deste outono pode proporcionar melhores pontos de entrada, altura em que, convenientemente, já existirão contas públicas trimestrais.

Europa

A Europa foi a região mais forte no fecho do semestre e uma das grandes beneficiárias da rotação, tendo o STOXX 600 rendido 10,31% em retorno total no conjunto dos seis meses. Em junho, o MSCI Europe ex-UK ganhou 3,6% em euros e 1,3% em dólares, enquanto o STOXX 600 somou o terceiro avanço mensal consecutivo e fechou o melhor trimestre em mais de cinco anos. A trajetória do período ajuda a explicar o resultado, com o petróleo mais barato a aliviar os receios de estagflação já perto do fim do semestre, os múltiplos continuavam bem abaixo dos das

empresas norte-americanas e as expectativas de lucros estabilizaram-se. Como tal, os bancos, as seguradoras, as industriais e as empresas de saúde e de viagens da região serviram de destino natural do dinheiro que saía das grandes tecnológicas de crescimento dos Estados Unidos.



Fonte: Bloomberg

O mapa setorial de junho conta uma história coerente com esta leitura. As viagens e o lazer subiram 7,6% em euros, os seguros ganharam 6,5%, a banca 6,4% e a tecnologia 5,0%, com a ajuda de nomes de equipamento para semicondutores, como a ASML, e de empresas de infraestrutura elétrica que alimentam a procura dos centros de dados. Por outro lado, a energia caiu 4,8%, os automóveis perderam 8,5%, os recursos naturais cederam 9,7% e as telecomunicações recuaram 9,9%. A queda no preço do petróleo e das matérias-primas penalizou os respetivos produtores e ajudou quase todos os outros, dos transportes aos consumidores e aos setores domésticos. Vale a pena sublinhar que a tecnologia europeia oferece um sabor diferente de exposição à inteligência artificial: em vez de suportar o fardo de capital da computação em hiperescala, várias empresas europeias vendem a maquinaria, os sistemas elétricos, a automação e a infraestrutura de energia necessários para construí-la. Alguém tem de vender as pás.

O Banco Central Europeu complicou este quadro ao subir as três taxas diretoras em 25 pontos-base na reunião do período, elevando a taxa de depósito para 2,25% devido à pressão inflacionista decorrente do conflito no Médio Oriente. Ao mesmo tempo, elevou a previsão de inflação para 2026 para 3,0% e cortou a de crescimento económico para 0,8%. Uma subida de taxas acompanhada de projeções de crescimento mais fracas seria normalmente má notícia para as ações, mas o mercado ignorou parte do sinal, já que o petróleo estava novamente a cair e a rentabilidade da banca beneficia de taxas de juro mais altas. Ainda assim, a decisão gera discriminação, pois bancos, seguradoras e empresas industriais diversificadas internacionalmente estão melhor posicionados do que empresas domésticas alavancadas ou com fraco poder de fixação de preços.

O Reino Unido ficou atrás do continente. Em junho, o MSCI UK subiu 0,8% em libras, mas caiu 0,8% em dólares com o fortalecimento da moeda norte-americana. A fraqueza da energia e da mineração pesou no índice, os indicadores domésticos continuaram frágeis e o Banco de

Inglaterra manteve a taxa em 3,75%, com dois membros a votar por 4,0%. O Reino Unido continua a oferecer avaliações e dividendos atrativos, mas o semestre repetiu uma velha lição: ser barato não basta quando a composição do índice é desfavorável e a política doméstica permanece instável.

Japão

O Japão foi genuinamente dual ao longo do semestre e o fecho do período tornou essa dualidade mais visível. No balanço dos seis meses, o TOPIX rendeu 14,68% em euros, em retorno total, um dos melhores desempenhos da amostra, mesmo depois da fraqueza do iene ter travado parte do ganho. Em junho, o Nikkei 225 subiu 5,7% em ienes e 3,5% em dólares, enquanto o TOPIX, mais amplo, ganhou apenas 1,0% em moeda local e caiu 1,1% em dólares. A diferença decorre do maior peso tecnológico do Nikkei e de um iene fraco, e é a chave para entender por que o índice de referência transmite mais força do que o que existe no mercado doméstico. A 16 de junho, o Banco do Japão subiu a taxa diretora de cerca de 0,75% para 1,0%, o nível mais alto desde 1995 e deixou a porta aberta a mais aumentos, com a yield da dívida japonesa a 10 anos a ultrapassar os 2,7%.

Mesmo com este aperto, o iene enfraqueceu em direção a 163 por dólar, perto de um mínimo de quatro décadas, porque os diferenciais de taxas entre os Estados Unidos e o Japão simplesmente engoliram o movimento da política monetária. A moeda fraca corta em ambos os sentidos. Favoreceu os lucros convertidos dos exportadores e impulsionou o desempenho superior do Nikkei, mas encareceu as importações e reduziu os retornos em dólares dos investidores estrangeiros. Ao mesmo tempo, o aperto monetário favoreceu bancos e financeiras, enquanto as yields mais altas pressionaram as ações de crescimento mais caras. São duas narrativas num só mercado. De um lado, crescimento nominal a melhorar, reforma empresarial e remuneração acionista em alta. Do outro, instabilidade cambial, inflação importada e um banco central mais restritivo. A divergência entre o Nikkei e o TOPIX sugere que o mercado doméstico é mais fraco do que o índice de referência deixa transparecer e é essa a variável a vigiar no segundo semestre.

Ásia e mercados emergentes

A Ásia, excluindo o Japão, foi a região mais volátil do semestre e a dispersão foi o traço dominante. Em junho, o MSCI AC Asia Pacific ex-Japan caiu 1,4% em dólares, apesar do otimismo persistente em relação à indústria ligada à inteligência artificial. A Coreia do Sul e Taiwan, campeões do segundo trimestre, fizeram uma pausa no fecho do período, com Taiwan a ganhar 1,4% e a Coreia apenas 0,1% em junho, depois dos enormes ganhos de abril e maio. Os investidores estrangeiros cortaram a exposição de forma agressiva no início do mês de junho, com o risco geopolítico a subir e alguns resultados aquém das expectativas elevadas. A queda das empresas produtoras de memória no final de junho atingiu os maiores nomes de Seul e de Taipé. Ainda assim, a procura por memória avançada, capacidade de fundição de chips e servidores de inteligência artificial manteve-se forte. O trade asiático de IA é hoje simultaneamente atrativo em termos estruturais e sobrelotado em termos táticos, uma combinação desconfortável que resume o dilema do segundo semestre.

A China foi, ela própria, dois mercados no semestre e a divergência entre eles é reveladora. O MSCI China, mais exposto ao offshore e às grandes plataformas de internet, caiu 7,1% em junho

e fechou os seis meses a perder quase 15%, ao passo que o índice onshore de ações A, o CSI 300, rendeu 12,67% em euros, em retorno total, no mesmo período. Por outras palavras, a fraqueza concentrou-se no offshore e no complexo de consumo e imobiliário, enquanto a China continental, mais pesada em indústria, banca e cadeias ligadas à política estatal, teve um semestre francamente positivo. Ainda assim, é o offshore que domina a alocação típica dos investidores globais e aí os velhos problemas persistem: consumo fraco das famílias, uma longa crise imobiliária, preços em queda e incerteza na relação comercial com os Estados Unidos. As vendas a retalho de maio caíram pela primeira vez em mais de três anos e o investimento fixo enfraqueceu, ao passo que a indústria melhorou em junho, impulsionada por exportações de alta tecnologia e por encomendas realizadas em antecipação às novas tarifas. É uma economia a duas velocidades, onde os exportadores de automação, baterias e algum hardware de inteligência artificial mantêm relevância estratégica, mas o grande complexo de consumo, imobiliário e financeiro continua refém da falta de confiança e da deflação. O desconto em termos de múltiplos é substancial, mas o semestre voltou a mostrar que múltiplos baixos não são um catalisador. Enquanto as revisões de lucros não estabilizarem e o stress imobiliário não deixar de ser sistémico, a China é um mercado de seleção de títulos e não uma alocação de índice.

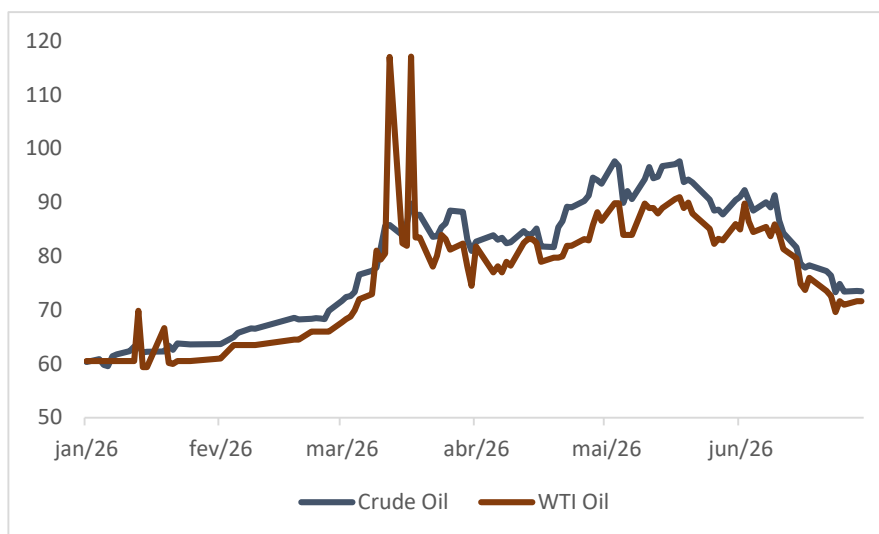
A Índia seguiu no sentido contrário, ganhando 1,5% em dólares em junho, refletindo a queda no preço do petróleo e a melhoria das perspetivas de inflação e da balança corrente, apesar da continuação das saídas de capital estrangeiro. Os índices indianos oferecem pouca exposição direta aos semicondutores e vários setores domésticos continuam caros, mas os atrativos estruturais permanecem intactos. O fecho do semestre mostrou, acima de tudo, quanto ganha um grande importador de petróleo quando o crude colapsa.

No resto do universo emergente, a dispersão foi extrema e é essa a assinatura do período. O MSCI Emerging Markets caiu 1,4% em junho, mas ainda assim fechou o segundo trimestre a ganhar 24%, o melhor desempenho trimestral desde 2009. Por baixo desse número, os destinos separaram-se por completo: as Filipinas subiram 8,3% com custos de energia mais baixos e a Colômbia ganhou 12,4%, enquanto a Indonésia caiu 9,1% devido a receios sobre a política económica e a moeda. O México, o Brasil e a Argentina recuaram e a África do Sul perdeu 6,8%, com os metais mais fracos a penalizar as mineiras. O semestre foi mais uma prova de que é errado tratar os mercados emergentes como uma classe de ativos única. A dependência energética, a exposição às matérias-primas, a credibilidade das políticas e a composição dos índices contam muito mais do que o rótulo.

Petróleo, moedas e fluxos

O petróleo foi o maior choque entre classes de ativos do semestre e o seu movimento no fecho reorganizou tudo o resto. O Brent e o WTI caíram cerca de 20% em junho depois de os Estados Unidos e o Irão terem alcançado um acordo provisório e de o tráfego em Ormuz ter sido retomado, invertendo o prémio de risco que o conflito no Médio Oriente tinha imposto nos meses anteriores. A queda do barril baixou as expectativas de inflação de curto prazo, ajudou companhias aéreas, viagens, setores de consumo e países importadores e penalizou produtores de energia, serviços petrolíferos e mercados pesados em matérias-primas. Sendo o conflito um dos principais riscos de estagflação do período, a compressão do prémio do petróleo foi

precisamente o que permitiu às ações europeias e cíclicas bater o mercado no fecho do semestre, mesmo com os bancos centrais a adotar um tom cauteloso.



Fonte: Bloomberg

As moedas contaram e muito. O índice do dólar ganhou cerca de 2,3% em junho com o reposicionamento mais restritivo em relação à Fed, cortando os retornos em dólares das ações britânicas, japonesas e australianas mesmo quando os índices locais subiam. O deslize do iene para mínimos de quatro décadas aumentou as probabilidades de intervenção. As decisões de cobertura cambial alteraram materialmente os resultados regionais ao longo do semestre. Quem as tratou como um pormenor percebeu, no fecho, que não devia tê-lo feito.

Os fluxos captaram a mudança de humor no final do período. Na semana terminada a 24 de junho, as entradas em fundos de ações globais colapsaram para 7,5 mil milhões de dólares, contra mais de 55 mil milhões na semana anterior. Os fundos tecnológicos sofreram resgates pesados, os fundos de ações norte-americanas registaram saídas líquidas e os fundos de obrigações continuaram a captar. Não foi uma rejeição das ações, mas um reposicionamento após um trimestre excecional e o reconhecimento de que as apostas mais concorridas se tinham tornado vulneráveis a deceções nos resultados, à volatilidade das taxas de juro e a uma muralha de novas emissões, de que o IPO da SpaceX foi o exemplo maior. Estima-se que cerca de 50 mil milhões de dólares de outras ações tenham sido vendidos para financiar as alocações a essa operação, alimentando uma queda de mais de 4% no Nasdaq-100 numa única sessão antes da estreia, uma ilustração perfeita de como a nova oferta drenou liquidez de tudo à sua volta.

Implicações para as carteiras

O semestre reforçou o argumento do equilíbrio. O ciclo secular de investimento em inteligência artificial está intacto. O que mudou foi a distribuição dos retornos dentro dele. Produtores de semicondutores, fornecedores de equipamento de energia, especialistas em arrefecimento, empresas de redes elétricas e negócios de automação industrial continuam a beneficiar de uma procura forte, enquanto os hyperscalers enfrentam perguntas mais duras sobre a intensidade de capital e a monetização. Uma alocação diversificada à IA passa agora por deter os beneficiários da infraestrutura e não apenas os donos das plataformas. A disciplina de avaliação volta a contar,

porque as narrativas mais fortes já não são automaticamente os melhores retornos ajustados ao risco. O semestre reforçou também o argumento relativo da Europa e de alguns setores de valor, como os bancos e as seguradoras, que beneficiam de taxas de juro de curto prazo mais altas, de capital mais forte e de avaliações mais baixas, enquanto as viagens e o consumo ganham com a energia mais barata e as empresas industriais expostas à eletrificação, à defesa, aos centros de dados e à automação carregam visibilidade de encomendas para vários anos.

É neste enquadramento que importa ler o posicionamento da carteira do fundo no fecho do semestre. A 30 de junho de 2026, o fundo encontrava-se praticamente investido na totalidade, com uma exposição a ações próxima de 99,7% do ativo. A construção da carteira assentou sobretudo em instrumentos de índice: os ETFs de ações mundiais representavam cerca de 32,7% do ativo, aos quais se somavam uma posição de cerca de 13,9% a large caps norte americanas e uma exposição ao S&P 500 de cerca de 51,6%, via etf's e futuros. A esta espinha dorsal juntava-se uma pequena posição em mineiras de ouro de cerca de 1,4%, com função de diversificação. Em termos geográficos, a exposição do fundo estava fortemente concentrada nos Estados Unidos, com cerca de 90% do total, seguindo-se a União Europeia com cerca de 3,5%, o Japão com cerca de 1,8% e posições residuais no Canadá, no Reino Unido, na Suíça e na China. Do lado cambial, a exposição ao dólar norte-americano situava-se perto de 76% do ativo.

Este posicionamento tem duas leituras e devemos assumir ambas. Pelo lado positivo, uma exposição predominantemente indexada e norte-americana captou de forma integral o excecional segundo trimestre e mantém o fundo alinhado com o mercado onde a criação de valor associada à IA tem sido mais intensa. Pelo lado do risco, a carteira é, por construção, uma aposta concentrada precisamente no complexo de mega-capitalizações que junho penalizou e uma exposição cambial ao dólar acima de três quartos do ativo torna o resultado em euros sensível a uma inversão do movimento recente da moeda. A rotação do fecho do semestre premiou a gestão ativa do risco em detrimento da exposição passiva aos vencedores do trimestre anterior, com as correlações a cair, a dispersão a aumentar e os fundamentais a recuperar o comando dos retornos. Daqui para a frente, vemos margem para reduzir a dependência da concentração de índice, seja alargando a exposição aos beneficiários da infraestrutura e aos setores de valor europeus, seja calibrando a cobertura cambial, sem abandonar os temas estruturais de longo prazo que continuam a justificar a exposição acionista.

Riscos e perspetivas

À entrada do segundo semestre, os mercados têm no preço a leitura mais amigável de várias histórias por resolver. O acordo entre os Estados Unidos e o Irão continua frágil e uma nova disrupção no Estreito de Ormuz inverteria, num instante, a queda do preço do petróleo que tanto ajudou no fecho do primeiro semestre. Já não se espera que a Fed alivie e pode mesmo subir as taxas de juro se a inflação continuar quente, enquanto os dados publicados nos primeiros dias de julho, com a criação de apenas 57 mil postos de trabalho, sugerem um arrefecimento do mercado de trabalho que baralha o reposicionamento restritivo e promete volatilidade nas taxas em ambos os sentidos. As expectativas de lucros na inteligência artificial estão excecionalmente elevadas, sobretudo em semicondutores e infraestrutura de centros de dados, e o calendário de lock-ups da SpaceX passará a acrescentar oferta a partir do final de agosto. A Europa enfrenta crescimento

fraco, a China não resolveu os problemas imobiliários e de consumo, e a fraqueza do iene mantém vivo o risco de intervenção ou de um aperto mais rápido no Japão.

No entanto, o leque de oportunidades é hoje mais amplo do que era em janeiro. O semestre provou que os retornos das ações globais não têm de depender de meia dúzia de tecnológicas norte-americanas e esse alargamento é saudável. Não elimina o risco, mas muda o mercado de um regime de momentum para um outro em que a alocação regional, a seleção de títulos, a avaliação e a exposição cambial fazem o trabalho pesado. A leitura certa do primeiro semestre de 2026 não é, por isso, a de que a subida acabou, mas a de que mudou de carácter. O segundo trimestre trouxe ganhos excecionais, sobretudo nos mercados ligados à IA, e junho obrigou toda a gente a separar o crescimento estrutural do posicionamento sobrelotado. À entrada do segundo semestre, o desafio já não é identificar a narrativa dominante, que toda a gente vê, mas perceber que empresas vão converter essa narrativa em fluxo de caixa livre duradouro e procurar avaliações que ainda ofereçam margem de segurança.

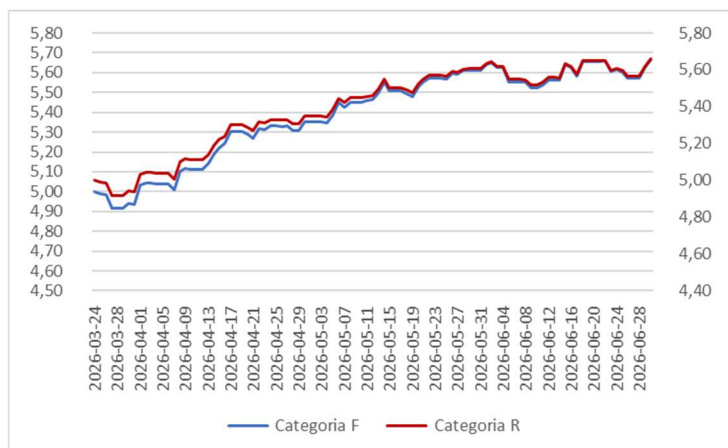
1.2 Principais características do fundo

Entidade Gestora	SIXTY DEGREES - SGOIC, S.A. Avenida João Crisóstomo, 30 6º E 1050-127 Lisboa
Data de Início do Fundo	23/03/2026
Tipo de Fundo	PPR/Ações/ Aberto
Região de Investimento	Global
Política de Rendimentos	Capitalização
Objetivo do Fundo	O objetivo principal do Fundo é o de proporcionar aos participantes o acesso a uma carteira de ativos predominantemente constituída por ações, norteadas por critérios de diversificação de risco e potencial de valorização a médio e longo prazo.
Política de Investimentos	O fundo tem uma política de investimentos maioritariamente constituída por Ações, incluindo ações preferenciais sem voto, obrigações com direito de subscrição de ações, obrigações convertíveis em ações, warrants ou qualquer outro tipo de valor que confira o direito de subscrição, seja convertível ou tenha a remuneração indexada a ações. Pela sua tipologia, mercado acionista, os investimentos serão orientados por forma a assegurar direta ou indiretamente, a manutenção, em permanência, de pelo menos 85% do valor líquido global do OIC.

1.3 Evolução do fundo

Evolução Histórica

O fundo iniciou a sua atividade a 23 de março de 2026, tendo as unidades de participação demonstrado a seguinte evolução até 30 de junho de 2026:



Performances, Volatilidades e níveis de Risco desde o início do fundo

Ano	Categoria	Performance	Volatilidade Anualizada	ISRR ¹
2026-1º semestre	F	13.33%	13.52%	5
	R	13.18%	15.72%	6

O ISRR constitui uma orientação sobre o nível de risco deste produto quando comparado com outros produtos. Mostra a probabilidade de o produto sofrer perdas financeiras, no futuro, em virtude de flutuações dos mercados. Classificamos este produto na categoria 5 numa escala de 1 a 7, que corresponde a uma categoria de risco Médio-alto. Este Indicador não inclui os riscos de Rendimento, Operacional, Fiscal, Derivados, Cambial, Liquidez ou outros, que possam afetar o desempenho do Fundo. Este produto não prevê qualquer proteção contra o comportamento futuro do mercado, pelo que poderá perder uma parte ou a totalidade do seu investimento.

¹ Dada a ausência de histórico de 5 anos para aplicar a metodologia de cálculo, foi construída uma carteira que julgamos ser representativa da carteira tipo do fundo no médio e longo prazo. Sendo um fundo de ações globais, foi decidido alocar 100% da carteira a ações globais. Com base nesta alocação, para o período entre 30/06/2021 e 23/03/2026 foi simulada uma série de retornos diários aos quais foram acrescidos os retornos diários reais do fundo, categorias F e R, de 24/03/2026 a 30/06/2026. Desta forma foi possível aplicar a metodologia de cálculo, tendo sido obtido um ISRR=5 para a categoria F e de 6 para a categoria R.

Alocação de Ativos – junho de 2026

Exposição por Classe de Ativos	
Ações	100%
Ações via Futuros de Ações (1)	42%
Obrigações Soberanas	20%
Obrigações <i>Corporate</i>	0%
Commodities	0%
Liquidez	22%

(1) Valor nominal dos derivativos

Exposição Geográfica (excluindo Liquidez)	
Estados Unidos da América	67%
Global	33%

Exposição Cambial	
Euro (EUR)	17%
Dólar Estados Unidos da América (USD)	83%

Unidade de Participação

Ano	VLGF	Categoria	Unidades em Circulação	Valor da UP
2026 - 1º Semestre	1.534.001,97	F	224.150,15	5.6664
		R	46.629,27	5,6592

Custos

	% da Comissão
Imputáveis diretamente ao participante	
Comissão de Subscrição	Não se aplica
Comissão de reembolso (nas condições legais)	Não se aplica
Comissão de reembolso (fora das condições legais)	Categoria Founders - 0% Categoria R - 0%
Imputáveis diretamente ao fundo	
Comissão de gestão fixa (anual) ¹	Categoria Founders - 1.00% Categoria R – 1.50%
Comissão de gestão variável (anual)	Não se aplica
Comissão de depósito (anual)	0,15% ao ano, ou 0,13% ao ano se VLGF superior a EUR 20 milhões
Taxa de supervisão (mensal)	0,0012% com mínimo de 100€ e Máximo de 12.500€
Custos de Auditoria	4.612,50€/ano (Os custos de auditorias exigidas por lei ou regulamento)
Custos de <i>research</i> (anual)	Máximo de 0,10%, calculados com base no VLGF referente ao fecho do ano anterior.
Despesas com apoio jurídico fora da jurisdição Portuguesa	Custos legais ou judiciais decorrentes de questões relacionadas com os ativos detidos pelo OIC.
Taxa de encargos correntes	Categoria Founders – 1,29% Categoria R – 1,79%

¹ O Fundo remunera as entidades comercializadoras de acordo com a repartição prevista no ponto 5.1.2 do respetivo prospeto.

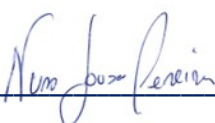
Risco e Compliance

No 1º semestre de 2026, e da monitorização diária dos limites de investimento, que decorrem das disposições legais e dos documentos constitutivos, verificados e confirmados com o cálculo do valor líquido global do fundo e da unidade de participação, pela equipa do Compliance com suporte da aplicação informática onde os planos de limites estão parametrizados, não foram

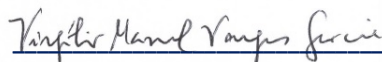
detetadas, para o período em referência, quaisquer situações que tivessem colocado em causa a gestão do fundo ou os seus participantes. O fundo encontra-se em fase de constituição da sua carteira.

Eventos suscetíveis de criar impactos nos mercados financeiros

Os investidores nos fundos da Sixty conhecem bem o nível de preocupação que a Sociedade Gestora tem com a preservação do capital que lhes é confiado para gestão. Numa situação normal de mercado, privilegiamos sempre, sempre a segurança. Ora esta postura é naturalmente reforçada em situações de crise e em especial no enquadramento global em que vivemos, onde alguns acontecimentos políticos e militares acabam por ter impacto no funcionamento dos mercados financeiros. As indescritíveis tragédias humanas que assistimos com a guerra na Ucrânia e em Gaza, mantêm por outro lado em aberto, interrogações sobre por onde podem ir os mercados da energia, e com eles a economia. As tensões políticas entre os EUA e a China, as duas super potências à procura de um reequilíbrio de forças, tiveram já impacto no comércio e nos fluxos de investimento internacional, não sendo certo que a evolução possa ser positiva no curto prazo. Estas são algumas das preocupações que as equipas de investimento da Sixty acompanham de perto e em permanência, junto com as variáveis financeiras habituais.



Nuno Sousa Pereira
(Vogal do Conselho de Administração)



Virgílio Garcia
(Vogal do Conselho de Administração)

Lisboa, 21 de agosto de 2026

2 Balanço e Demonstrações Financeiras

2.1 Balanço a 30 de junho de 2026

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS

BALANÇO

Valores em Euro

ACTIVO							CAPITAL E PASSIVO			
CÓDIGO	DESIGNAÇÃO	NOTAS	30/06/2026				CÓDIGO	DESIGNAÇÃO	NOTAS	30/06/2026
			Bruto	+ Valia	- Valia	Líquido				
	CARTEIRA DE TÍTULOS							CAPITAL OIC		
21	Obrigações	3	299 775	-	15	299 760	61	Unidades de Participação	1	1 432 525
22	Ações	3	203 676	12 215	5 487	210 404	62	Variações Patrimoniais	1	-
23	Outros Títulos de Capital		-	-	-	-	64	Resultados Transitados	1	-
24	Unidades de Participação	3	651 691	41 690	1 741	691 640	65	Resultados Distribuídos	1	-
25	Direitos	3	-	-	-	-	66	Resultado Líquido do Exercício	1	101 477
26	Outros Instrumentos de Dívida	3	-	-	-	-	67	Dividendos Antecipados das SIM		-
	TOTAL DE CARTEIRA DE TÍTULOS		1 155 142	53 904	7 243	1 201 804		TOTAL DE CAPITAL DO FUNDO		1 534 002
	CONTAS DE TERCEIROS							CONTAS DE TERCEIROS		
411+...+418	Contas de Devedores	18	895	-	-	895	421	Resgates a Pagar a Participantes	18	-
	TOTAL DE VALORES A RECEBER		895	-	-	895	422	Rendimentos a Pagar a Participantes		-
	DISPONIBILIDADES						423	Comissões a Pagar	18	1 586
11	Caixa	3	-	-	-	-	424+...+429	Outras Contas de Credores	18	334 297
12	Depósitos a Ordem	3	666 979	-	-	666 979	43	Empréstimos Obtidos	18	-
13	Depósitos a Prazo e com pré-aviso	3	-	-	-	-		TOTAL DE VALORES A PAGAR		335 883
14	Certificados de Depósito	3	-	-	-	-				
18	Outros Meios Monetários	3	-	-	-	-				
	TOTAL DE DISPONIBILIDADES		666 979	-	-	666 979				
	ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS							ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS		
51	Acréscimos de Proveitos	17	-	-	-	-	55	Acréscimos de Custos	17	-
58	Outros Acréscimos e Diferimentos	17	208	-	-	208	58	Outros Acréscimos e Diferimentos	17	-
	TOTAL DE ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS		208	-	-	208		TOTAL DE ACRÉSCIMOS E DIFERIMENTOS		-
	TOTAL DO ACTIVO		1 823 223	53 904	7 243	1 869 885		TOTAL DO CAPITAL E PASSIVO		1 869 885

O CONTABILISTA CERTIFICADO

Rui Filipe Salvaterra Pires

A ADMINISTRAÇÃO

António José Pereira Vitor Manuel Ramos Garcia

Sixty Degrees - Sociedade Gestora de Organismos de Investimento Coletivo, S.A., com sede na Av. João Crisóstomo n.º 30, 6.º Esq. 1050-127 Lisboa, Portugal. Capital Social de 1.270.835 Euros, matriculada na Conservatória do Registo Comercial sob número único de matrícula e identificação fiscal 515 373 508.

CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS

Valores em Euro

DIREITOS SOBRE TERCEIROS			RESPONSABILIDADES PERANTE TERCEIROS		
CÓDIGO	DESIGNAÇÃO	PERIODOS	CÓDIGO	DESIGNAÇÃO	PERIODOS
30/06/2026			30/06/2026		
OPERAÇÕES SOBRE COTAÇÕES			OPERAÇÕES CAMBIAIS		
911	À vista	-	911	À vista	288 499
935	Futuros	628 094	935	Futuros	-
TOTAL		628 094			288 499,01
TOTAL DOS DIREITOS		628 094	TOTAL DAS RESPONSABILIDADES		288 499,01
CONTAS DE CONTRAPARTIDA		-	CONTAS DE CONTRAPARTIDA		339 594,65

Rui Filipe Salgueiro Pires

Nuno João Pereira Vinícius Manuel Vazquez Garcia

2.2 Demonstração de Resultados referente ao período findo em 30 de junho de 2026

SIXTY DEGREES PPR/OICVM ACÇÕES GLOBAIS

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

Valores em Euro

Custos e Perdas			Proveitos e Ganhos		
Período Corrente			Período Corrente		
Designação	Notas	30/06/2026	Designação	Notas	30/06/2026
CUSTOS E PERDAS CORRENTES			PROVEITOS E GANHOS CORRENTES		
Juros e Custos Equiparados			Juros e Proveitos Equiparados		
Da Carteira de Títulos e outros ativos	5	-	Na Carteira de Títulos e Outros Ativos	5	-
De Operações Correntes	5	13	De Operações Correntes	5	-
Comissões e taxas			Rendimentos de Títulos e Outros Ativos		
Da Carteira de Títulos e outros ativos	5	527	Da Carteira de Títulos e Outros Ativos	5	2 078
Outras, de Operações Correntes	15	3 387	Outras, de Operações Correntes		-
De Operações Extrapatrimoniais	5	-	De Operações Extrapatrimoniais		-
Perdas em Operações Financeiras			Ganhos em Operações Financeiras		
Na Carteira de Títulos e Outros Ativos	5	96 643	Na Carteira de Títulos e Outros Ativos	5	144 288
Em Operações Extrapatrimoniais	5	95 944	Em Operações Extrapatrimoniais	5	153 224
Impostos					
Impostos sobre o rendimento	9	117			
Impostos Indiretos	9	119			
Outros Custos e Perdas Correntes			Outros Proveitos e Perdas Correntes		
Outros Custos e Perdas Correntes	15	1 603	Outros Proveitos e Perdas Correntes	5	239
TOTAL DOS CUSTOS E PERDAS CORRENTES		198 353	TOTAL DOS PROVEITOS E GANHOS CORRENTES		299 830
RESULTADO LIQUIDO DO PERIODO		101 477	RESULTADO LIQUIDO DO PERIODO		-
TOTAL		299 830			299 830
Resultados da Carteira de Títulos		49 197	Resultados Eventuais		-
Resultados das Operações Extrapatrimoniais		57 280	Resultados Antes de Imposto s/o Rendimento		101 714
Resultados Correntes		101 714	Resultados Líquidos do Período		101 477

Sixty Degrees - Sociedade Gestora de Organismos de Investimento Coletivo, S.A., com sede na Av. João Crisóstomo n.º 30, 6.º Esq. 1050-127 Lisboa, Portugal. Capital Social de 1.270.835 Euros, matriculada na Conservatória do Registo Comercial sob número único de matrícula e identificação fiscal 515 373 508.

2.3 Demonstração Fluxos de Caixa - referente ao período findo em 30 de junho de 2026

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS

DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA

Valores em Euro

DISCRIMINAÇÃO DOS FLUXOS

De 2026-01-01 a 2026-06-30
(EUR)

OPERAÇÕES SOBRE AS UNIDADES DO OIC

Recebimentos:

Subscrição Unid.Part	1 576 911
Resgate Unid. Part	144 386
	1 432 525

Fluxo das OPERAÇÕES SOBRE AS UNIDADES DO OIC 1 432 525

OPERAÇÕES DA CARTEIRA DE TÍTULOS E OUTROS ACTIVOS

Recebimentos:

Vendas Tít.e Out.Ativos	7 243
Rendim.Tít.e Out.Act	92 083
Juros e Prov.Similar	0
	99 326

Pagamentos:

Compra Tít.e Out.Ativos	919 181
Juros e Cust.Similar	0
Comiss. de Corret.	0
Outras Comis.e Taxas	0
Out.Pag.Cart.Tit.	
	919 181

Fluxo das OPERAÇÕES DA CARTEIRA DE TÍTULOS E OUTROS ACTIVOS -819 855

OPERAÇÕES A PRAZO E DE DIVISAS

Recebimentos:

Oper. Cambiais	42 758
Oper. s/Cotações	110 258
	153 016

Pagamentos:

Oper. Cambiais	27 689
Oper. s/Cotações	68 255
Out.Pag.Op.Prazo	146
	96 090

Fluxo das OPERAÇÕES A PRAZO E DE DIVISAS 56 926

OPERAÇÕES GESTÃO CORRENTE

Recebimentos:

Juros de Depos.Banc.	0
Outros	0
	0

Pagamentos:

Comissão de Gestão	1 512
Comissão de Depósito	209
Impostos e Taxas	117
Outras despesas	780
	2 617

Fluxo das OPERAÇÕES GESTÃO CORRENTE -2 617

Saldo dos Fluxos de Caixa do Período: 666 979

Efeitos das Diferenças de Cambio: 0

Disponibilidades no Início do Período: 0

Disponibilidades no Fim do Período: 666 979

O CONTABILISTA CERTIFICADO

Rui Filipe Salvaterra Pires

A ADMINISTRAÇÃO

Nuno José Pereira

Vinícius Manuel Vazquez Garcia

Sixty Degrees - Sociedade Gestora de Organismos de Investimento Coletivo, S.A., com sede na Av. João Crisóstomo n.º 30, 6.º Esq. 1050-127 Lisboa, Portugal. Capital Social de 1.270.835 Euros, matriculada na Conservatória do Registo Comercial sob número único de matrícula e identificação fiscal 515 373 508.

3 Divulgações

3.1 Anexos às demonstrações financeiras

Introdução

As demonstrações financeiras foram preparadas com base nos registos contabilísticos do OIC, mantidos de acordo com o Plano de Contas dos Organismos de Investimento Coletivo, estabelecido pela Comissão do Mercado de Valores Mobiliários, e regulamentação complementar emitida por esta entidade, no âmbito das competências que lhe estão atribuídas através do Decreto-Lei n.º 27/2023 de 28 de abril que aprova o Regime da Gestão de Ativos e do regulamento da CMVM 7/2023, de 29 de dezembro que entrou em vigor a 1 de janeiro de 2024.

As políticas contabilísticas mais significativas, utilizadas na preparação das demonstrações financeiras, foram as seguintes:

Especialização de períodos

O OIC regista as suas receitas e despesas de acordo com o princípio da especialização de períodos, sendo reconhecidas à medida que são geradas, independentemente do momento do seu recebimento ou pagamento.

Os juros de aplicações são registados pelo montante bruto na rubrica “Juros e proveitos equiparados”.

Os juros corridos relativos a títulos adquiridos são registados na rubrica “Juros e custos equiparados”, atendendo a que a periodificação dos juros a receber é efetuada desde o início do período de contagem de juros dos respetivos títulos.

Carteira de títulos

As compras de títulos são registadas na data da transação, pelo valor efetivo de aquisição.

Os valores mobiliários em carteira são avaliados ao seu valor de mercado, ou presumível valor de mercado, de acordo com as seguintes regras:

Valorização da carteira e da unidade de participação

- a) O valor da unidade de participação é calculado diariamente nos dias úteis e determina-se pela divisão do valor líquido global do Fundo pelo número de unidades de participação em circulação. O valor líquido global do Fundo é apurado deduzindo à soma dos valores que o integram o montante de comissões e encargos suportados até ao momento da valorização da carteira.
- b) O valor líquido global do Fundo é apurado de acordo com as seguintes regras:
 - i. Os ativos da carteira do Fundo são valorizados diariamente a preços de mercado, de acordo com as regras referidas no ponto seguinte, sendo o momento de referência dessa valorização as 18 horas para a generalidade dos instrumentos financeiros (valores mobiliários, mercado monetário, ETFs e derivados) e as 22 horas para unidades de participação em Fundos e ações, ETFs e instrumentos financeiros derivados sob ações e/ou índices de ações admitidos à negociação no continente americano. No que respeita à valorização de títulos de dívida se em casos excecionais, motivados designadamente por

falhas técnicas, não for possível obter preços às 18h00, será considerado um momento de referência o mais próximo possível a seguir às 18h00 em que seja possível obter os respetivos preços.

- ii. A composição da carteira do Fundo a considerar em cada valorização diária será a que se verificar no momento de referência desse dia para os respetivos ativos, salvo no caso das operações realizadas em mercados estrangeiros, em que poderão ser considerados os valores resultantes de transações efetuadas até ao final do dia anterior;
- iii. Para valorização dos ativos cotados em moeda estrangeira, será considerado o câmbio de divisas divulgadas pelo Banco de Portugal ou por agências internacionais de informação financeira mundialmente reconhecidas, no momento de referência de valorização da carteira aplicado aos instrumentos financeiros admitidos à negociação no continente americano;
- iv. O valor líquido global do Fundo é apurado deduzindo à soma dos valores que o integram a importância dos encargos efetivos ou pendentes, até à data da valorização da carteira. Para esse efeito, são considerados os seguintes encargos imputáveis ao Fundo: despesas inerentes às operações de compra e venda de ativos, encargos legais, judiciais e fiscais, a taxa de supervisão, a comissão de gestão, a comissão de depósito, custos de registo, custos emergentes das auditorias exigidas por lei ou regulamento e custos de realização de estudos de investimento (*research*)

Regras de valorimetria e cálculo do valor da UP

a) Valores mobiliários

- i. A valorização dos valores mobiliários admitidos à cotação ou negociação em mercados regulamentados será feita com base na última cotação disponível no momento de referência do dia em que se esteja a proceder à valorização da carteira do Fundo. Não havendo cotação do dia em que se esteja a proceder à valorização, ou não podendo a mesma ser utilizada, designadamente por ser considerada não representativa, tomar-se-á em conta a última cotação de fecho disponível, desde que a mesma se tenha verificado nos 15 dias anteriores ao dia em que se esteja a proceder à valorização. Encontrando-se negociados em mais do que um mercado, o valor a considerar na avaliação dos instrumentos financeiros reflete o preço praticado no mercado onde os mesmos são normalmente transacionados pela Sociedade Gestora.
- ii. Quando a última cotação tenha ocorrido há mais de 15 dias, os títulos são considerados como não cotados para efeito de valorização e serão aplicados os seguintes critérios:

A valorização de instrumentos financeiros não admitidas à cotação ou negociação em mercados regulamentados será efetuada com base no valor médio das ofertas de compra e venda firmes disponibilizada para o momento de referência do dia em que se esteja a proceder à valorização da carteira do Fundo ou, na sua falta, com base no valor médio das ofertas de compra e venda difundidas através de entidades especializadas (preços indicativos), caso as mesmas se apresentem em condições normais de mercado, nomeadamente tendo em vista a transação do respetivo instrumento financeiro e sejam conhecidos os critérios de composição e ponderação ou no valor médio das ofertas de

compra, difundidas através de entidades especializadas, caso não se verifiquem as condições referidas na alínea anterior. Na impossibilidade de utilização dos critérios anteriores, recorrer-se-á a modelos teóricos, tais como o modelo dos *cash-flows* descontados, EVA models e comparáveis de mercado que sejam considerados adequados pela Sociedade Gestora para as características do ativo a valorizar.

Excetua-se o caso de instrumentos financeiros(ações) em processo de admissão à cotação a um mercado regulamentado, em que se o valor a atribuir pela entidade gestora corresponderá à última cotação conhecida no momento de referência das ações da mesma espécie, emitidas pela mesma entidade e admitidas à cotação, tendo em consideração as características de fungibilidade e liquidez entre as emissões.

No caso de valores representativos de dívida e quando a Sociedade Gestora considere que, designadamente por falta de representatividade das transações realizadas no mercado em que esses valores estejam cotados ou admitidos à negociação, a cotação não reflita o seu presumível valor de realização ou nos casos em que esses valores não estejam admitidos à cotação ou negociação numa bolsa de valores ou mercado regulamentado, será utilizada a cotação que no entender da Sociedade Gestora melhor reflita o presumível valor de realização dos títulos em questão no momento de referência. Essa cotação será procurada, alternativamente nas seguintes fontes:

- 1) Em sistemas internacionais de informação de cotações como, a Bloomberg, a Reuters ou outros que sejam considerados credíveis pela Sociedade Gestora;
- 2) Junto de entidades especializadas, para determinação da média das ofertas de compra e venda firmes dos títulos em questão, ou na impossibilidade da sua obtenção no valor médio das ofertas de compra e de venda, difundidas através de entidades especializadas (preços indicativos), caso as mesmas se apresentem em condições normais de mercado, nomeadamente tendo em vista a transação do respetivo instrumento financeiro. Caso não se verifiquem as condições anteriores a avaliação será efetuada tendo por base o valor médio das ofertas de compra, difundidas através de entidades especializadas;

Para os efeitos estabelecidos nos anteriores 1) e 2) apenas são elegíveis:

- a) As ofertas de compra firmes de entidades que não se encontrem em relação de domínio ou de grupo com a entidade responsável pela gestão;
 - b) As médias que não incluam valores resultantes de ofertas das entidades referidas na alínea anterior ou cuja composição e critérios de ponderação não sejam conhecidos.
- 3) Através de fórmulas de valorização baseadas em modelos teóricos de avaliação de obrigações, onde os fluxos de caixa estimados para a vida remanescente do título são descontados a uma taxa de juro que reflita o risco associado a esse investimento específico, recorrendo-se ainda à comparação direta com títulos semelhantes para aferir da validade da valorização.

b) Instrumentos do mercado monetário

Tratando-se de instrumentos do mercado monetário, sem instrumentos financeiros derivados incorporados, que distem menos de 90 dias do prazo de vencimento, pode a entidade responsável pela gestão considerar para efeitos de avaliação o modelo do custo amortizado, desde que:

- i. Os instrumentos do mercado monetário possuam um perfil de risco, incluindo riscos de crédito e de taxa de juro, reduzido;
- ii. A detenção dos instrumentos do mercado monetário até à maturidade seja provável ou, caso esta situação não se verifique, seja possível em qualquer momento que os mesmos sejam vendidos e liquidados pelo seu justo valor;
- iii. Se assegure que a discrepância entre o valor resultante do método do custo amortizado e o valor de mercado não é superior a 0,5%.

c) Instrumentos derivados

- i. Na valorização de instrumentos derivados admitidos à negociação em mercados regulamentados, utilizar-se-á o último preço divulgado pelos respetivos mercados no momento de referência do dia em que se esteja a proceder à valorização da carteira do Fundo, i.e. o *settlement price* corresponde ao dia da valorização;
- ii. Não existindo cotação porque se trata de um instrumento derivado não admitido à negociação, ou no caso de a cotação existente não ser considerada representativa pela Sociedade Gestora utilizar-se-á, alternativamente, uma das seguintes fontes:
 1. Os valores disponíveis no momento de referência do dia em que se esteja a proceder à valorização da carteira do Fundo das ofertas de compra e venda difundidas por um *market-maker* da escolha da Sociedade Gestora;
 2. Fórmulas de valorização que se baseiem nos modelos teóricos usualmente utilizados que, no entender da Sociedade Gestora sejam consideradas mais adequadas às características do instrumento a valorizar. Estes modelos traduzem-se no cálculo do valor atual das posições em carteira através da atualização dos *cash-flows* a receber no futuro, líquidos dos pagamentos a efetuar, descontados às taxas de juro implícitas na curva de rendimentos para o período de vida do instrumento em questão.

Comissão de subscrição

O OIC está isento de comissão de subscrição.

Comissão de reembolso

O OIC está isento de comissão de reembolso.

Comissão de gestão

Valor da comissão:

A comissão de gestão tem uma componente fixa (i) e uma componente variável (ii) aplicando-se a cada categoria os seguintes valores:

i. Componente Fixa:

- Categoria F - A comissão de gestão é de 1% ao ano e reverte a favor da Sociedade Gestora.
- Categoria R - A comissão de gestão é de 1,50% ao ano e reverte a favor da Sociedade Gestora.

ii. Componente Variável: Não se aplica.

Modo de cálculo da comissão:

Componente Fixa:

A comissão é calculada diariamente sobre o valor líquido global do Fundo, tratando-se de uma taxa nominal.

Comissão de Depósito

A comissão de depositário é de 0,15% anual, passando a 0,13% anual se o valor líquido global do fundo for superior a 20 Milhões de euros.

Modo de cálculo da comissão: A comissão é calculada diariamente sobre o valor global do Fundo, tratando-se de uma taxa nominal.

Condições de cobrança da comissão: A comissão de depositário é cobrada mensal e postecipadamente até ao final do mês seguinte.

Custos de realização de estudos de investimento (research)

Constituem encargos do OIC os custos de realização de estudos de investimento (*research*). Para este efeito apenas serão encargos do OIC os custos que correspondam a serviços efetivamente prestados ao OIC.

A Sixty Degrees estabeleceu internamente um sistema de verificação das necessidades, dos fundos por si geridos, de contratação de serviços para a realização de estudos de investimento.

Estes custos encontram-se refletidos na taxa de encargos correntes, com um máximo de 0,10%/ano, calculados com base no VLGF referente ao fecho do ano anterior.

Os participantes poderão obter informações adicionais respeitantes ao orçamento para custos com a realização de estudos de investimento junto da Sixty Degrees.

O relatório e contas anual inclui informação quantitativa sobre os custos de realização de estudos de investimento.

Outros encargos

Para além das comissões de gestão e de depositário o Fundo suporta os seguintes encargos calculados diariamente:

- a) Os encargos fiscais que lhes sejam imputáveis.
- b) As despesas relativas à compra e à venda dos valores do seu património e relacionadas com a utilização de instrumentos financeiros a prazo, empréstimos e reportes, incluindo-se nestas despesas as taxas de bolsa e de corretagem.

- c) A taxa de supervisão de 0,0012% paga à CMVM, que incide sobre o valor líquido global, no último dia de cada mês, de cada um dos OIC geridos pela mesma, não podendo a coleta ser inferior a € 100 nem superior a € 12 500, majorada de acordo com a Portaria n.º 342-A/2016, de 29 de dezembro, e artigo 35.º dos Estatutos da Autoridade da Concorrência (AdC), aprovados pelo Decreto-Lei n.º 125/2014, de 18 de agosto.
- d) Os custos emergentes das auditorias exigidas por lei ou regulamento.
- e) Os custos legais ou judiciais decorrentes de questões relacionadas com os ativos detidos pelo Fundo.
- f) Custos relativos à emissão de código LEI e documentos de circularização solicitados ao Banco Depositário do fundo para efeitos de encerramento de contas.

O Fundo não suportará encargos relativos a quaisquer outras remunerações de consultores da Sociedade Gestora ou de sub-depositários.

Para além dos custos acima referidos, poderão existir outros custos e encargos, resultantes do cumprimento de obrigações legais que o fundo tenha de cumprir.

Regime Fiscal

Os rendimentos obtidos por Fundos Poupança Reforma, constituídos e que operem de acordo com a legislação nacional estão isentos de tributação em sede de Imposto sobre o Rendimento, de acordo com o definido no artigo 21º do Estatuto dos Benefícios Fiscais (EBF). Poderão ser tributados autonomamente, à taxa de 21,5%, os lucros distribuídos por entidades sujeitas a IRC, quando as partes sociais a que respeitam os lucros não tenham permanecido na titularidade do Fundo, de modo ininterrupto, durante o ano anterior à data da sua colocação à disposição e não venham a ser mantidas durante o tempo necessário para completar esse período.

Nota 1 – Capital do Fundo

O património do OIC é representado por valores mobiliários que representam direitos de conteúdo idêntico, sem valor nominal, a uma fração daquele património que se designam unidades de participação.

As unidades de participação são nominativas e adotam a forma escritural, sendo admitido o seu fracionamento para efeitos de subscrição, resgate ou reembolso.

O movimento ocorrido no capital do Fundo, durante o período de referência findo a 30 de junho de 2026, apresenta o seguinte detalhe:

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS						(em euro)
Descrição	No início	Subscrições	Resgates	Outros	Resultados do Exercício	No fim
Valor Base	-	1 576 911	144 386	-	-	1 432 525
Diferença p/Valor Base	-	-	-	-	-	-
Resultados Distribuídos	-	-	-	-	-	-
Resultados Acumulados	-	-	-	-	-	-
Resultados do Período	-	-	-	-	101 477	101 477
Soma	-	1 576 911	144 386	-	101 477	1 534 002

A evolução do valor do Fundo durante o período de referência findo a 30 de junho de 2026 foi o seguinte:

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS – Categoria -R (em euro)

	VLGF	Valor UP	Nº de UPCirculação
Ano 2026			
Mar	3 192,06	4,9362	10 000,00
Abr	202 000,59	5,3513	150 597,47
Mai	188 142,27	5,6075	171 358,42
Jun	263 886,32	5,6592	224 150,15

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS – Categoria F (em euro)

	VLGF	Valor UP	Nº de UPCirculação
Ano 2026			
Mar	49 366,89	4,9367	646,67
Abr	806 168,59	5,3531	37 747,69
Mai	961 740,27	5,6124	33 551,83
Jun	1 270 115,65	5,6664	46 629,27

Nota 2 – Transações de valores Mobiliários no período

Para o período de referência, findo a 30 de junho de 2026, as transações de valores mobiliários efetuados pelo Fundo apresentaram a seguinte composição:

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS (em euro)

	Compras (1)	Vendas (2)	Total (1)+(2)
	Mercado	Mercado	Mercado
Acções	175 031	783,58	175 815
Obrigações	299 775		299 775
Unidades de Participação	667 519	53 469	720 989
Contrato de Futuros	813 986	527 659	1 341 645

Durante o período de referência, findo a 30 de junho de 2026, não foi cobrada qualquer comissão de subscrição e resgate.

	Valor	Comissoes Cobradas
Subscrições	1 576 911	-
Resgates	144 386	-

Nota 3 – Carteira de Títulos e Disponibilidades

O detalhe da carteira de títulos, a 30 de junho de 2026 é apresentado como se segue:

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS

30/06/2026

Descrição dos Títulos	Preço de aquisição	Mais valias Capital	Menos valias	Mais valias Cambial	Menos valias	Valor da carteira	Juros corridos	Soma
VALORES MOBILIÁRIOS COTADOS								
Acções								
Amazon.Com Inc	5 936,38		-373,84	74,03		5 636,57		5 636,57
AMEX-American Express Co.	7 380,03	529,49		89,86		7 999,38		7 999,38
Amgen Inc	7 973,60	492,79		97,49		8 563,88		8 563,88
Apple Inc-US0378331005	6 936,00		-178,95	86,11		6 843,16		6 843,16
Boeing Co.	5 066,68		-9,81	62,49		5 119,36		5 119,36
Caterpillar-US1491231015	21 159,60	3 769,94		254,60		25 184,14		25 184,14
Chevron Corp	4 389,99		-524,80	54,92		3 920,11		3 920,11
Cisco Systems Inc	2 746,97		-2,88	33,76		2 777,85		2 777,85
Coca-Cola Co.	1 901,30		-2,75	23,43		1 921,98		1 921,98
GOOG US Equity	8 279,38	76,63		0,00		8 356,01		8 356,01
GS Inc.-US38141G1040	23 608,15	19,92		290,12		23 918,19		23 918,19
Home Depot Inc	7 412,81	837,79		90,04		8 340,64		8 340,64
HONEYWELL AEROSPACE INC	0,00	2 323,73		0,00		2 323,73		2 323,73
Honeywell International Inc.	7 505,93		-2 273,98	63,13		5 295,08		5 295,08
INTL BUSINESS MACHINE - IBM	5 967,94	610,22		72,26		6 650,42		6 650,42
Johnson & Johnson Co	5 492,54	446,81		66,86		6 006,21		6 006,21
JPMorgan Chase & Co	7 219,98	433,00		88,15		7 741,13		7 741,13
McDonalds Corp	6 541,85		-230,23	81,02		6 392,64		6 392,64
Merck & Co. Inc.	2 746,36	259,18		33,40		3 038,94		3 038,94
Microsoft Corp	9 533,92		-831,36	119,10		8 821,66		8 821,66
Nike Inc. - Cl. B	1 022,67		-64,56	12,69		970,80		970,80
NVIDIA - US67066G1040	5 023,53		-354,34	62,80		4 731,99		4 731,99
Procter & Gamble Co-US7427181091	3 367,05	59,49		41,39		3 467,93		3 467,93
SALESFORCE INC	4 028,98		-374,33	50,25		3 704,90		3 704,90
SHERWIN-WILLIAMS CO/THE	7 231,11	823,92		87,90		8 142,93		8 142,93
Travelers Cos. Inc/The	7 173,54	545,88		87,69		7 807,11		7 807,11
UnitedHealth Group Inc.	9 266,64	449,57		113,15		9 829,36		9 829,36
Visa Inc - Class A Shares	7 697,87	321,42		94,55		8 113,84		8 113,84
Walmart Inc	2 789,67		-145,78	34,63		2 678,52		2 678,52
Walt Disney Co. (The)	2 366,20		-119,35	29,40		2 276,25		2 276,25
3M Co.	3 570,79	214,74		43,53		3 829,06		3 829,06
Sub-Total:	201 337,46	12 214,52	-5 486,96	2 338,75		210 403,77		210 403,77
Títulos de Dívida Pública								
BUBILL 0 07/15/26 Corp	299 775,00		-15,00			299 760,00		299 760,00
Sub-Total:	299 775,00		-15,00			299 760,00		299 760,00
Unidades de Participação								
Amundi Core MSCI World UCITS ETF Acc	222 492,28	24 225,37				246 717,65		246 717,65
iShares MSCI World ETF	239 625,84	9 710,25		5 720,45		255 056,54		255 056,54
SPDR Dow Jones Industrial Average ETF Trust	3 356,25	217,36		86,88		3 660,49		3 660,49
SPDR S&P 500 ETF Trust-US78462F1030	63 789,75	3 239,16		1 651,15		68 680,06		68 680,06
VANECK GOLD MINERS ETF	23 312,61		-1 740,69	302,76		21 874,68		21 874,68
Vanguard S&P 500 ETF-US9229083632	89 072,43	4 297,77		2 280,52		95 650,72		95 650,72
Sub-Total:	641 649,16	41 689,91	-1 740,69	10 041,76		691 640,14		691 640,14
Total	1 142 762	53 904	-7 243	12 381		1 201 804		1 201 804

O movimento ocorrido nas rubricas de disponibilidades, durante o período de referência findo a 30 de junho de 2026 foi o seguinte:

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS

(em euro)

Contas	Saldo Inicial	Aumentos	Reduções	Saldo Final
Depósitos à ordem	-	4 297 544	3 630 566	666 978,63

Sixty Degrees - Sociedade Gestora de Organismos de Investimento Coletivo, S.A., com sede na Av. João Crisóstomo n.º 30, 6.º Esq. 1050-127 Lisboa, Portugal. Capital Social de 1.270.835 Euros, matriculada na Conservatória do Registo Comercial sob número único de matrícula e identificação fiscal 515 373 508.

Rui Reis

A 30 de junho de 2026, os depósitos à ordem encontravam-se domiciliados na Caixa Geral de Depósitos com um valor total de 666 978 euros.

Nota 4 – Critérios de valorização dos ativos

Para valorização dos ativos integrantes da carteira, foram utilizados os critérios de valorização mencionados no ponto acima, denominado “Regras de valorimetria e cálculo do valor da UP”.

Nota 5 – Resultados Obtidos

Os resultados obtidos pelo Fundo, no período de referência, findo a 30 de junho de 2026, são compostos pelas seguintes rubricas:

1º QUADRO - COMPONENTES DO RESULTADO DO FUNDO - PROVEITOS

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS

(em euro)

Natureza	GANHOS DE CAPITAL			GANHOS COM CARÁCTER DE JURO			Soma
	Mais Valias potenciais	Mais Valias efectivas	Soma	Juros vencidos	Juros corridos	Rendimento de títulos	
Operações à Vista							
Acções	33 865	-	33 865			287	287
Unidades Participação	110 424	-	110 424			1 792	1 792
Outros							
Operações a Prazo							
Cambiais							
Forwards	56 727	-	56 727				
Cotações							
Futuros	96 497	-	96 497				
Outras Operações							
Outros						239	239

2º QUADRO - COMPONENTES DO RESULTADO DO FUNDO - CUSTOS

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS

(Valores em Euro)

Natureza	PERDAS DE CAPITAL			JUROS E COMISSÕES SUPOSTOS			Soma
	Menos Valias potenciais	Menos Valias efectivas	Soma	Juros vencidos e comissões	Juros corridos		
Operações à Vista							
Acções	27 201	32	27 233	-			-
Obrigações	15	-	15	-			-
Unidades Participação	69 395		69 395	-			-
Outros			-	13			13
Operações a Prazo							
Cambiais							
Forwards	35 442	-	35 442				
Cotações							
Futuros	60 502	-	60 502				
Comissões							
De Gestão				2 622,25			2 622
De Depósito				364,48			364
De Carteira Títulos				526,66			527
Taxa de Supervisão				400,00			400
Outras Operações							
Outros				1 602,93			1 603

Sixty Degrees - Sociedade Gestora de Organismos de Investimento Coletivo, S.A., com sede na Av. João Crisóstomo n.º 30, 6.º Esq. 1050-127 Lisboa, Portugal. Capital Social de 1.270.835 Euros, matriculada na Conservatória do Registo Comercial sob número único de matrícula e identificação fiscal 515 373 508.

R. Pires

Nota 9 – Impostos e taxas

Durante o período de referência, findo a 30 de junho de 2026, foram cobrados os impostos que se seguem:

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS			(em euro)
			30/06/2026
Conta	Descrição	Saldo	
74122	Impostos Indiretos	119	
74212	Imposto sobre o rendimento	117	

Nota 11 – Exposição ao Risco Cambial

SIXTY DEGREES PPR/OICVM FLEXIVEL-IC

		30/06/2026		Posição Global	
Moedas	À Vista	A Prazo			
		Futuros			
		Compra	Venda		
USD	846 322	717 084	376 041	1 939 446	
Contravalor	Euro	741 293	628 094	329 374	1 698 761

Nota 15 – Encargos Imputados ao Fundo

De acordo com o artigo 12º do regulamento da CMVM 07/2023, os encargos imputados¹ ao Fundo, no período de referência, findo a 30 de junho de 2026, apresentam o seguinte detalhe:

SIXTY DEGREES PPR/OICVM AÇÕES GLOBAIS		(Valores em EUR)	
		30/06/2026	
Custos		Valor	%VLGF
Valorização Média		891 179	
Banco Deposit.		364	0,04%
Comissão Gestão		2 622	0,29%
Tx. Supervisão		400	0,04%
Custos de Auditoria		1 603	0,18%
Custos Research		0	0,00%
Outros Custos		119	0,01%
TOTAL		5 109	
TAXA GLOBAL DE CUSTOS (TGC)			0,57%

A afetação dos encargos correntes, por categoria, para o período em referência apresenta o seguinte detalhe:

Categoria F			Categoria R		
30/06/2026			30/06/2026		
Custos	Valor	%VLGF	Custos	Valor	%VLGF
Valorização Média	746 237		Valorização Média	154 036	
Banco Depositário	302	0,04%	Banco Depositário	62	0,04%
Comissão de Gestão	2 002	0,27%	Comissão de Gestão	620	0,40%
Research	-	0,00%	Research	-	0,00%
TX Supervisão	341	0,05%	TX Supervisão	59	0,04%
Custos de Auditoria	1 365	0,18%	Custos de Auditoria	238	0,15%
Outros Custos	102	0,01%	Outros Custos	18	0,01%
Total	4 111		Total	997,63	
Taxa de encargos correntes		0,55%	Taxa de encargos correntes		0,65%

¹ Taxa de encargos correntes calculada de acordo com o artigo 12º do regulamento 07/2023

R. Pires

fi

Nota 16 – Comparabilidade das Demonstrações Financeiras

Tendo iniciado a sua atividade em março de 2026, o fundo não apresenta comparáveis relativas ao período homólogo, junho de 2025.

Nota 17 – Acréscimos e Diferimentos

A 30 de junho de 2026, esta rubrica apresentava os seguintes valores:

Acréscimos de Proveitos (em euro)		Acréscimos de Custos (em euro)	
	Saldo		Saldo
Descrição	30/06/2026	Descrição	30/06/2026
Outros	207,68	Outros	-
Total	207,68	Total	-

Nota 18 – Contas de Terceiros

A 30 de junho de 2026, as contas de terceiros apresentavam os seguintes valores:

Devedores (em euro)		Credores (em euro)	
	Saldo		Saldo
Descrição	30/06/2026	Descrição	30/06/2026
Outros devedores	895	Entidade Gestora (Sixty Degrees)	1 216
		Entidade Depositária (CGD)	170
		Autoridade de Supervisão (CMVM)	200
		Outros	334 297
Total	895	Total	335 883

O Contabilista Certificado

Rui Filipe Salvaterra Pires

A Administração

Nuno João Pereira Virgílio Manuel Ramos Garcia

Lisboa 21 de agosto de 2026

4 Certificação das Contas

RELATÓRIO DE AUDITORIA

RELATO SOBRE A AUDITORIA DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

Opinião

Auditámos as demonstrações financeiras anexas do **SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR/OICVM, Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Ações de Poupança Reforma** (SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR), gerido pela SIXTY DEGREES – SOCIEDADE GESTORA DE ORGANISMOS DE INVESTIMENTO COLETIVO, S.A. (Sociedade Gestora), que compreendem o balanço em 30 de junho de 2026 (que evidencia um total de 1.869.885 euros e um total de capital do Fundo de 1.534.002 euros, incluindo um resultado líquido de 101.477 euros), a demonstração dos resultados e a demonstração dos fluxos de caixa relativas ao período de 6 meses findo naquela data, e o anexo às demonstrações financeiras que incluem um resumo das políticas contabilísticas significativas.

Em nossa opinião as demonstrações financeiras anexas apresentam de forma verdadeira e apropriada, em todos os aspetos materiais, a posição financeira do **SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR/OICVM, Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Ações de Poupança Reforma** em 30 de junho de 2026 e o seu desempenho financeiro e fluxos de caixa relativos ao período de 6 meses findo naquela data de acordo com as normas contabilísticas aplicáveis aos Organismos de Investimento Coletivo em Valores Mobiliários em Portugal.

Bases para a opinião

A nossa auditoria foi efetuada de acordo com as Normas Internacionais de Auditoria (ISA) e demais normas e orientações técnicas e éticas da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas. As nossas responsabilidades nos termos dessas normas estão descritas na secção “Responsabilidades do auditor pela auditoria das demonstrações financeiras” abaixo. Somos independentes do SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR e da Sociedade Gestora nos termos da lei e cumprimos os demais requisitos éticos nos termos do código de ética da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas.

Estamos convictos de que a prova de auditoria que obtivemos é suficiente e apropriada para proporcionar uma base para a nossa opinião.

Outras Matérias

O **SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR/OICVM, Fundo de Investimento Mobiliário Aberto de Ações de Poupança Reforma** iniciou a sua atividade em 23 de março de 2026, pelo que se trata do primeiro ano em que o SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR é auditado.

Matérias relevantes de auditoria

As matérias relevantes de auditoria são as que, no nosso julgamento profissional, tiveram maior importância na auditoria das demonstrações financeiras do período corrente. Essas matérias foram consideradas no contexto da auditoria das demonstrações financeiras como um todo, e na formação da opinião, e não emitimos uma opinião separada sobre essas matérias.



Matérias relevantes de auditoria	Síntese da resposta de auditoria
Valorização da carteira de títulos	
A carteira de títulos corresponde a cerca de 64% do ativo conforme a nota 3 do anexo às demonstrações financeiras à data de 30 de junho de 2026. Os ativos da carteira do Fundo são valorizados diariamente a preços de mercado de acordo com a alínea a) n.º i. das Regras de valorimetria e cálculo do valor da UP que se encontram na Introdução do anexo às demonstrações financeiras e no Relatório de Gestão. Dada a volatilidade dos preços de mercado consideramos esta matéria como uma matéria relevante de auditoria face à materialidade dos valores envolvidos.	Entre os procedimentos de auditoria realizados destacamos: • Teste ao controlo interno do Fundo, nomeadamente ao processo de valorização da carteira; • Recalculo do valor de mercado dos títulos em carteira com recurso a fontes oficiais e comparação com os valores apurados pelo Fundo; • Avaliação sobre a adequacidade das divulgações de acordo com o referencial contabilístico aplicável.

Responsabilidades do órgão de gestão da Sociedade Gestora pelas demonstrações financeiras

O órgão de gestão da Sociedade Gestora é responsável pela:

- preparação de demonstrações financeiras que apresentem de forma verdadeira e apropriada a posição financeira, o desempenho financeiro e os fluxos monetários do SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites em Portugal para Fundos de investimento mobiliário;
- elaboração do relatório de gestão nos termos legais e regulamentares;
- criação e manutenção de um sistema de controlo interno apropriado para permitir a preparação de demonstrações financeiras isentas de distorção material devido a fraude ou erro;
- adoção de políticas e critérios contabilísticos adequados nas circunstâncias; e
- avaliação da capacidade do SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR de se manter em continuidade, divulgando, quando aplicável, as matérias que possam suscitar dúvidas significativas sobre a continuidade das atividades.

Responsabilidades do auditor pela auditoria das demonstrações financeiras

A nossa responsabilidade consiste em obter segurança razoável sobre se as demonstrações financeiras como um todo estão isentas de distorções materiais devido a fraude ou erro, e emitir um relatório onde conste a nossa opinião. Segurança razoável é um nível elevado de segurança, mas não é uma garantia de que uma auditoria executada de acordo com as ISA detetará sempre uma distorção material quando exista. As distorções podem ter origem em fraude ou erro e são consideradas materiais se, isoladas ou conjuntamente, se possa

razoavelmente esperar que influenciem decisões económicas dos utilizadores tomadas com base nessas demonstrações financeiras.

Como parte de uma auditoria de acordo com as ISA, fazemos julgamentos profissionais e mantemos ceticismo profissional durante a auditoria e também:

- identificamos e avaliamos os riscos de distorção material das demonstrações financeiras, devido a fraude ou a erro, concebemos e executamos procedimentos de auditoria que respondam a esses riscos, e obtemos prova de auditoria que seja suficiente e apropriada para proporcionar uma base para a nossa opinião. O risco de não detetar uma distorção material devido a fraude é maior do que o risco de não detetar uma distorção material devido a erro, dado que a fraude pode envolver conluio, falsificação, omissões intencionais, falsas declarações ou sobreposição ao controlo interno;
- obtemos uma compreensão do controlo interno relevante para a auditoria com o objetivo de conceber procedimentos de auditoria que sejam apropriados nas circunstâncias, mas não para expressar uma opinião sobre a eficácia do controlo interno da Sociedade Gestora do SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR;
- avaliamos a adequação das políticas contabilísticas usadas e a razoabilidade das estimativas contabilísticas e respetivas divulgações feitas pelo órgão de gestão;
- concluímos sobre a apropriação do uso, pelo órgão de gestão, do pressuposto da continuidade e, com base na prova de auditoria obtida, se existe qualquer incerteza material relacionada com acontecimentos ou condições que possam suscitar dúvidas significativas sobre a capacidade do SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR para dar continuidade às suas atividades. Se concluirmos que existe uma incerteza material, devemos chamar a atenção no nosso relatório para as divulgações relacionadas incluídas nas demonstrações financeiras ou, caso essas divulgações não sejam adequadas, modificar a nossa opinião. As nossas conclusões são baseadas na prova de auditoria obtida até à data do nosso relatório. Porém, acontecimentos ou condições futuras podem levar a que o SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR descontinue as suas atividades;
- avaliamos a apresentação, estrutura e conteúdo global das demonstrações financeiras, incluindo as divulgações, e se essas demonstrações financeiras representam as transações e acontecimentos subjacentes de forma a atingir uma apresentação apropriada;
- comunicamos com os encarregados da governação, da Sociedade Gestora, entre outros assuntos, o âmbito e o calendário planeado da auditoria, e as matérias relevantes de auditoria incluindo qualquer deficiência significativa de controlo interno identificado durante a auditoria.

A nossa responsabilidade inclui ainda a verificação da concordância da informação constante do relatório de gestão com as demonstrações financeiras e a pronúncia, nos termos do n.º 5 do artigo 27.º do Regulamento da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) n.º 7/2023, que concretiza o Regime da Gestão de Ativos.

RELATO SOBRE OUTROS REQUISITOS LEGAIS E REGULAMENTARES**Sobre o relatório de gestão**

Em nossa opinião, o relatório de gestão foi preparado de acordo com os requisitos legais e regulamentares aplicáveis em vigor e a informação nele constante é coerente com as demonstrações financeiras auditadas e, tendo em conta o conhecimento e a apreciação sobre o SIXTY DEGREES AÇÕES GLOBAIS PPR, não identificamos incorreções materiais.

Lisboa, 20 de agosto de 2026



KRESTON & ASSOCIADOS - SROC, LDA.

Representada por Jaime de Macedo Santos Bastos
Registado na OROC nº 599 e na CMVM n.º 20160252